



**MONÇÃO—A TORRE DE LAPELLA** (Phot. de A. Soucasaux)

PROPRIETARIO  
*Joachim Antonio Pereira Villela.*  
DIRECTOR  
*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*  
ADMINISTRADOR  
*Clemente de Campos A. Peixoto.*  
EDITOR  
*Antonio José de Carvalho.*

**Ilustração Catholica**  
Revista litteraria semanal de informação graphica  
Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

**CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA**  
(PAGAMENTO ADEANTADO)  
*Portugal e colonias* — Um anno, 2\$400.  
Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.  
Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador  
acresce o importe das despesas.  
*Extranjeiro* — Um anno, 3\$000.

**Numero avulso, 60 reis**

# Ornamentos d'Egreja da Casa Estrella

Officinas d'Esculptura e Talha Religiosa, em madeira, marfim e massa (Fundada em 1874)

**Peço o nosso catalogo illustrado com 113 gravuras.** (Pede-se a na visita ás no sas officinas e depositos de vendas)

Aos nossos trabalhos foram concedidos os mais altos premios nas exposições Industriaes Portuguezas de 1887 e 1897



**A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas congeneres no estrangeiro**  
Depositos de imagens, oratorios, castiças, ramos, custodias, calix, lampadas, lustres, etc. etc.  
e de todos os objectos do culto divino desde os mais simples aos mais luxuosos

Specimen de uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

**PORTO** — Rua do Bomjardim, 85 a 89 e Rua de Santo Antonio, 59 a 63

**GUARDA** = Representante e depositario — CASA SUCENA  
Rua Heliodoro Salgado



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Peretra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelzoto.

Braga, 4 de dezembro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 127—Anno III



EX.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Bispo eleito de Portalegre

# Chronica da Semana



## Impressões minhas

**E'** costume ligar a esta palavra: *impressão*, um significado de coisa passageira, pégadas n'um areal, que o primeiro vento do mar apaga e alisa, ferida que, com o tempo, a pouco e pouco cicatriza. Mas estas, não.

Estas impressões perduram, não se apagam; estas doces feridas d'um amor mais alto e mais puro, porque toca em verdade o azul do céu de Portugal, e o azul do céu de Deus, jamais guarecem. Ha feridas assim . . .

E estas, e estas impressões que n'aquelle domingo, 28 de novembro, sob as abobadas da cathedral, eu senti abrirem-se no meu peito e no peito dos meus queridos camaradas, eram ao mesmo tempo fortes na sua dor e doces no seu pungir.

Pela nave central da basilica, até ao guarda-vento, uma mancha escura se estendia. E quem das bancadas do capitulo a observava, sentia uma estranha impressão de assombro e de esperança: d'ella cresciam faces juvenis, umas brancas, tostadas do sol outras, todas vivendo intensa e expressivamente a luz dos olhos, vivos uns, serenos outros, aquelles conturbados de emoção, além os olhos simples de collegiaes em fileiras. Ao fundo, os seminaristas. A todos, todos, a mesma mocidade beijava, e a mesma luz, voando dos altos vitraes revelava á multidão das outras naves, uma como geração eleita para as luctas sagradas da fé, para os sacrificios bemitos que a Patria reclama! Stendal chamou aos seminaristas *os recrutas da Igreja*. Não o eramos nós todos, alli na cathedral

como cá fóra, recrutas aguerridos, granadeiros dos ultimos quadrados, talvez, na batalha estupenda dos destinos da terra em que nascemos? . . .

Eu, não sei porquê . . . Coiho quasi sempre dos nossos gestos de acção, como das nossas orações ferventes, uma lição de lucta, uma lição de soldados.

E alli, quando depois de commungar via desenrolar-se pela Sagrada Meza da Eucharistia, aquellas filas de rapazes meus irmãos, em ordem, á uma, os da segunda linha preenchendo os logares dos da primeira, e assim por deante até ao fim, todos entreabrindo os labios como em sêde, todos erguendo os olhos como em supplica para o

Vaso Santo, cheio de scintillações douradas eu recordei que nas batalhas assim se faz tambem, e que n'aquella soberba manifestação de fé de mais de trezentos rapazes portuguezes, estava a um tempo um exemplo de ordem, um exemplo de coragem contra os males do seculo, um exemplo de amor, como, ai de nós! a outra juventude o não conhece..

Senti que pairava sobre nós o olhar do Deus de Ourique e recordei Nun'Alvares, novo ainda, a rezar em Val'verde. Senti que a nossa alma, como a seguir disse Correia Pinto, com a suggestão incomparavel da sua alma de padre portuguez, de artista e de companheiro nosso, que a nossa alma estava cheia de sol, de um sol divino que é a origem da grande belleza moral; e recordei que áquella mesma hora talvez, na França, na Italia e na Alemanha, no regaço das cathedraes ou no seio da terra-mãe das trincheiras, rapazes como nós, como nós estariam recebendo o Pão dos Anjos, a Saude das almas, a Força dos herois!

O Arcebispo tinha as mãos trémulas sustentando a Hostia . . . «Que linda, que linda festa!» me disse elle ao despedir-se.

E que bello symbolo para nós, meus amigos, o do Bispo missionario, soldado elle tambem, de Deus e Portugal, as barbas brancas descendo sobre a capa de oiro, alçando a Custodia em benção sobre nós, curvados! E que grito não foi, sincero e bravo, o nosso clamando em unisono, o *Queremos Deus*, pelas abobadas! . . .

. . . Ao findar na sessão d'encerramento do Congresso, o dr. Bivar declarou que ha muitos, muitos annos, não vira fazer em Portugal o que nós alli fizemos. «Isto é, a *americanisação* da acção catholica portugueza» disse elle pitoresca e acertadamente. De facto, nós fazemos . . . o que de ha muito se devia ter feito, porque não é com discursos que poderemos derrotar o inimigo, porque não é em paradas espectaculosas que se prova o valor militar, mas no estudo *pratico*, especializado e sereno dos problemas, nas resoluções a *frio*, pensadas e executadas sem temor.

Não sei se todos em Portugal o comprehenderam; parece-me que não, infelizmente.

Mas não deixam de ser verdadeiras as tuas considerações sobre a nulidade . . . dos zeros, meu caro Diniz da Fonseca; nem deixarão de ser exactas e candentes as tuas palavras, Teixeira Neves, sobre a inercia parvoa dos *homens grandes* da geração que agora abre a bocca ao ver-nos caminhar, e sobre o *snobismo* exotico dos modernos que perdem dia a dia as grandes massas, com a afinçada mania de chamar novo ao que nossos paes e avós chamavam velho e muito acertado . . .

F. V.

# VIDA INTENSA

## Jornalismo por dentro

**N**

A sua carta, diz a minha amiga, que mal acabada nma chronica, todo o seu desejo, todo o seu empenho curioso é remecher no intimo d'aquellas palavras, d'aquelles conceitos, no interior d'aquella musica, despi-la de roupagens, d'enfeites, assoalhar-lhe o esqueleto, com a mesma infantil curiosidade, com que desarticularia um boneco de trapos. Tão embrincada d'imagens, tão subtil de detalhes — recortes de paisagens, apontamentos d'almas — a chronica parece-me sempre o boneco englanado d'arrebiques, vaidoso, senhoril, das suas rendas e dos seus velludos, que a sua pequena Katty anceadamente rasga na mira sonhadora d'encontrar um coração de princepe, onde só existe um coração de ... folhelho. Convenho, que a sua comparação embora arrojada, se pecca talvez pelo exagero encerra uma verdade eruel. Nas chronicas como na vida, o fundo das coisas é sempre uma futilidade e os homens como os livros são quasi todos como esses embrincados, espaventosos bonecos de trapos. Debaxo da sua dor ou da sua alegria, dos seus caprichos e dos requintes, todos nós encontraremos, no homem como na vida, a mesma infima parcella de folhelho, mais perigosa n'aquelle talvez, porque melhor se dissimula. Dispa uma cbronica das suas imagens, dos seus effeitos, da sua linguagem, dos seus truques e encontrará um arcaboço tão debil, tão cheio de folhelho, como um dos homens frageis da sua turbulenta Katty. E' porque a chronica é assim. Perante um caso vulgar surgem mil ideas. Sente-se á mesa, accenda o fogão, deixe correr a pena pelo papel e á vontade como se conservasse, facil, sem preocupações, as mil ideas suggeridas, combinam-se em volta do caso, modulam-lhe as agruras, enredam-o, revertem-o d'interesse, cercam-o de misterio, de seducção, imprimem-lhe character — impõem-o e... a chronica terminou. Se apertar de mais, dismantelar-se-ha como um castello de cartas, esfarelar-se-ha como um monte de cinza! O sonho é tambem assim. Não resiste á lufada de senso: desfaz-se em fumo, entretanto, como admira a habilidade, o gosto. com que foi manipulado esse pequenino corpo de trapos, o engenho com que o homem pode transformar, embrincar, esse molho inutil de folhelho n'uma figurinha deslumbradora, deve admirar as chronicas, deixar-se correr na illusão que lhe suggerem, e não cahir na infantil tentativa de despir essa illusão. Só as creanças podem affoitar-se n'esse perigoso caminho de realidade. Só ellas, que tem ainda para viver uma longa primavera, podem satisfazer esse germen de capricho, que apenas lhes surge sob a forma amavel d'uma traquinice. Mas para aquelles, que já viveram na larga estrada da vida, do preço oneroso d'um capricho, para aquelles, que vão a meio do incerto caminho, já por entre as neves dos invernos, é arriscado em demasia, despir as illusões e quebrar os encantos pueris.

Para esses, o dever é fechar os olhos e ver apenas o que sou-



beram guardar na phantasia, o que souberam dizer-lhe ao coração, resignadamente, passivamente, sem querer ver o fundo dos sentimentos, sem querer perscrutar-lhe o intimo sentido. Vêr as coisas taes como se nos apresentam e não como são, tal é o mysterioso segredo da vida, a formula bisarra de viver muito acima de tudo isso, d'essa amalgama de paixões, de sentimentos, d'esse tragico folhelho, que é o ultimo afinal d'esses extranhos bonecos, que somos todos nós. E' assim, curiosa amiga, que nós poderemos fazer da nossa vida, cercanda d'illusão e de sonho, uma outra vida tranquilla, facil ou escrever revestindo-as d'ideias e d'imagens, as nossas chronicas.

No fundo lá está o mesmo tragico folhelho; a habilidade do homem é que soube reverti-lo do sonho; esconde-lo.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

## Croquis Indianos

∞∞  
I

**D**ESLISA placido o Mandovi e as suas aguas, calmas, azeludadas, quasi transparentes, agitadas em pequenas ondas ao sopro brando das auras vespertinas, vão quebrar-se suavemente, uma após outra, de encontro ao quebramar de Nova Goa em jorros espumosos.

A tarde cae lenta, e a hora que enfernece o coração decorre monotonamente, longa, eterna!...

A brisa é d'uma pureza crystallina, o céu azul como nos bellos dias da primavera e o sol rubro como um disco igneo de ferro em brasa, declina-se aos poucos no horizonte, indo banhar-se nas aguas pardacentes do Oceano Indico, alem onde geme o Porto de Mormugão.

No vetusto campanario da Sé cuja silhueta alveja na verdura das palmeiras tange o «sino de oiro» cadenciadas badaladas ás Ave-Marias e o seu sorriso argentino vae perder-se na lugubre monotonia da necropole deserta «onde immensa gloria dorme», entre as ruinas da Civitta-Vecchia Oriental... .

O immenso povo christão, fanaticamente fiel ás prêgações do grande Thaumaturgo do Oriente, descobre-se reverente, pára e óra.

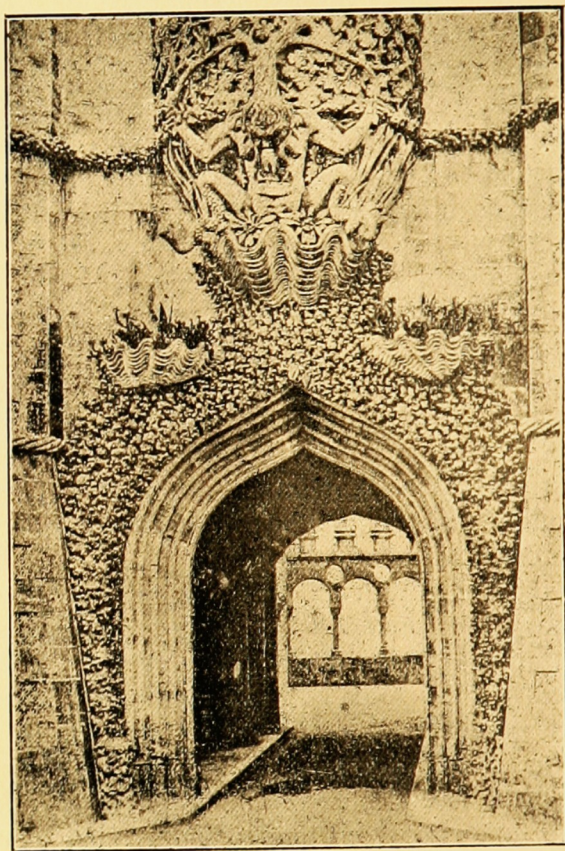
Desce a noite caliginosa sobre as sombras crepusculares da tarde e a pallida lua que sóbe d'através da torre solurna da Egreja de Penha de França, vem desfazendo paulatinamente as trevas da noite imminente e com a sua luz desmaiada inunda o Oriente das bailadeiras negligentemente estendidas sobre divans sedosos enquanto o fumo dos seus cigarros odorigumantes as envolve e as penetra do perfume voluptuoso do jas-

mim, do sandalo e da agua da rosa — Oriente poetico dos Rajás, paiz ideal de sonhos e illusões...

Vae alta a lua no horizonte semeado de estrellas.

Correndo de briza embalsamada perpassam fagueiras, trazendo á alma um bem-estar indifinivel, e as comas das palmeiras modulam gemidos «como se um funeral passasse em torno á festa».

Jaz em tristeza immersa a tétrica cidade, a Oriental Lisboa! Alem á sombra benefica do enorme palmar entre os sombrios monumentos dormem o eterno somno os heroes de Ormuz, de Chanl. de Diu e Ceylão que «ganharam tanta gloria sobre a terra e sobre as aguas e são tão vivos na historia».



CINTRA—Uma entrada do Paço da Pena

Nova-Gôa com as suas casarias caiadas de branco dorme, adiante, tranquilla, emballada ao ciciar dos beijos continuos do Mandovi.

Na margem opposta, onde a vasta provincia de Bardez se alastra em toda a sua extensão, erguem-se as copas frondosas das mangueiras e dos cajueiros, e as flores croaceas do gigantesco champó exhalam um aroma intenso que sensibilisa, embriaga...

*Tchim!... Tchim!...*

Longe, onde tremelica a luz baça do pharol de Reis Magos, á claridade agonisante da lua que se cõa por entre as largas folhas das bananeiras e arequeiras, scintillantes de gottas do orvalho d'uma noite fria de dezembro, brilha o pari bordado a oiro da gentil Sita-Bay que tilinta os guisos: *Tchim!...*

Os seus labios vermelhos á betel favorito entoam uma canção sentimental de amor; as suas pequenas mãos delgadas fluctuam graciosamente em seu torno com acenos seductores...

*Sôba upavanitê!*... canta Sita-Bay, a bailadeira encantadora, esquecida da dignidade dos seus sentimentos escrava detestavel das paixões as mais degradantes da humanidade, — canta ao som do sarangui que chora sobre os dedos macios de Narayana que vibra as suas cordas de oiro.

*Tchim! Tchim!* tilintam compassadamente os guisos nos pésinhos nervosos da bailadeira enquanto a guitarra oriental soluça uma aria dolente, e a mystica Sita-Bay contorce voluptuosamente o seu corpo esculptural apertado no choli bordado a oiro e prata e o pitambar de côr de açafão, descuidadamente deitado sobre os seus hombros tremula agitado ao doce habito da aragem nocturna deixando ver o seu côlo de ébano.

Escondeu-se como envergonhada a lua atravez de nuvens carregadas que se vão acastellando sobre ella.

O «sino de oiro» da velha cathedral mansa aos echos da floresta o lugubre sonido das oito horas.

A lua rasga as densas nuvens e o Industão mergulha-se inteiro, como n'um dia de festa, nos seus raios argentinicos e doces que inspiram chimeras e produzem na alma um vacuo melancholico delicioso.

Este quadro sublime, tão genuinamente oriental e poetico é todo um sonho, uma lyra que desperta e canta na minha alma e repete que «je morche souriant dans un rêve étoilé» e a aspiração do meu ser para o ideal guia naturalmente o vôo dos meus sentimentos para o paiz de ternura, nos dominios sempre hospitaleiros da Esperança.

Um diluvio de amargura profunda invade o meu espirito, quando vejo em miragem ideal o vasto imperio do Oriente ir vergonhosamente esbater-se de encontro ás montanhas escabrosas do desprezo, a nossa gloria soffrer um eclipse affrontosissimo de sangue, e digo de sangue porque as lagrimas do martyrio não são simplesmente as sensações de uma organização physica.

Monumentos soberbos, testemunhas eloquentes das grandes eras, reechoando ainda as musicas da gloria á acclamação do Vice-Rei ou á festa do Apostolo das Indias, erguem-se n'uma magestade infinitamente serena e grandiosa que enleva a imaginação fóra da realidade, hoje vegetam solitarios, atravez de seculos, roidos d'uma lepra amarella das inclemencias do tempo, muitos d'elles nada mais do que uma accumulção melancholica de ruinas que, pela perspectiva, sob o sol quente do Oriente que tudo córa, toma, de longe, uma cor terna e vaporosa e de aspectos tristemente emocionantes.

Oh meu Deus! Quão duro é presenciar um

imporio soberbo declinar a sua grande epopeia do passado na urna funeraria de um cataclysmo doloroso!

Porque será que assim humilhaes o orgulho das suas tradições, e confundiz a vaidade das suas esperanças?!

Grande Deus! pela vossa infinita misericordia restitui-nos vivo o grande Xavier para nos ajudar a erguer-nos d'um lethargo, d'um abysmo em que um fado triste nos precipita!

Fazei que o badalar do grande sino no campanario da velha cathedral penetra as campas marmorias d'essa pleiade de heroes que ali jaz reduzida a pó...

«Heroes de mil batalhas, naufragos de cem procellas de sorte» que alli descançaes levantae-vos do eterno repouso, que a vossa India chora lagrimas de sangue.

Erguei-vos homens de ferro antes que Albuquerque venha assistir ao fim d'uma tragedia de agonia a de dor!...

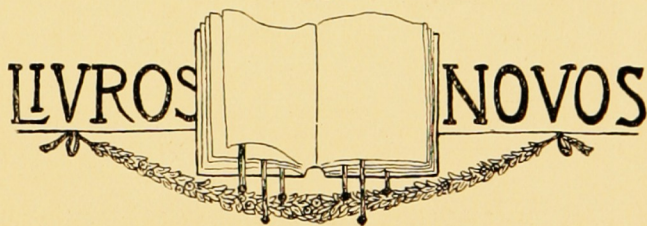
Os meus ais leva-os o vento para os desertos estereis do Nada.

E' alta a noite. Emballado pela grandeza epica das passadas eras e pela vaidade das minhas esperanças vou pedir ao Somno filho da Noite e consolador dos soffrimentos terrenos, que me conduza, por algumas horas nas suas azas ligeiras, para as regiões serenas e inconscientes dos sonhos sempre doirados e que me desperte n'essa manhã sorridente em que no horisonte azul do meu paiz ha-de surgir o sol brilhante de liberdade.

A esp'rança é fonte e sol, manancial e origem;  
Deus sabe quando finda a serie dos tormentos;  
Nem sempre a cerração é a lidiva vertigem!  
Esp'rae por honra nossa, altivos monumentos!

(Goa)

JAYME VILLAR.



Almanaque Figueirinhas (1916)

Este almanaque, têm uma excellente parte litteraria e educativa.

Vem illustrado com mappas da Europa, Asia, Africa, America e Oceania, com magnificas gravuras dos melhores monumentos nacionaes e estrangeiros.

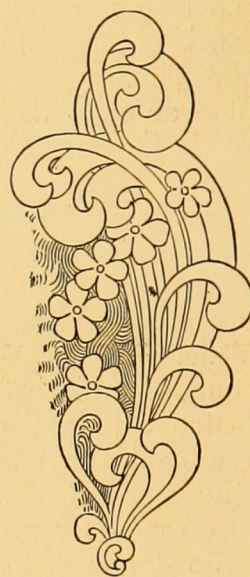
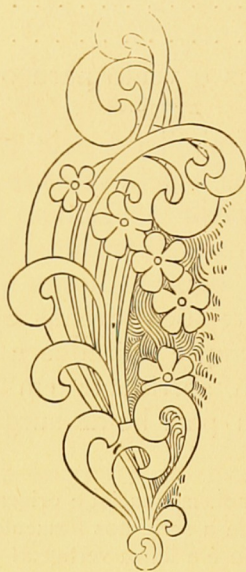
Este almanaque, contém, especialmente para os professores officiaes, um esplendido elucidario, contendo o que todo o professor deve saber, leis, decretos e um formulario escolar.

Está á venda em quasi todas as livrarias do paiz.

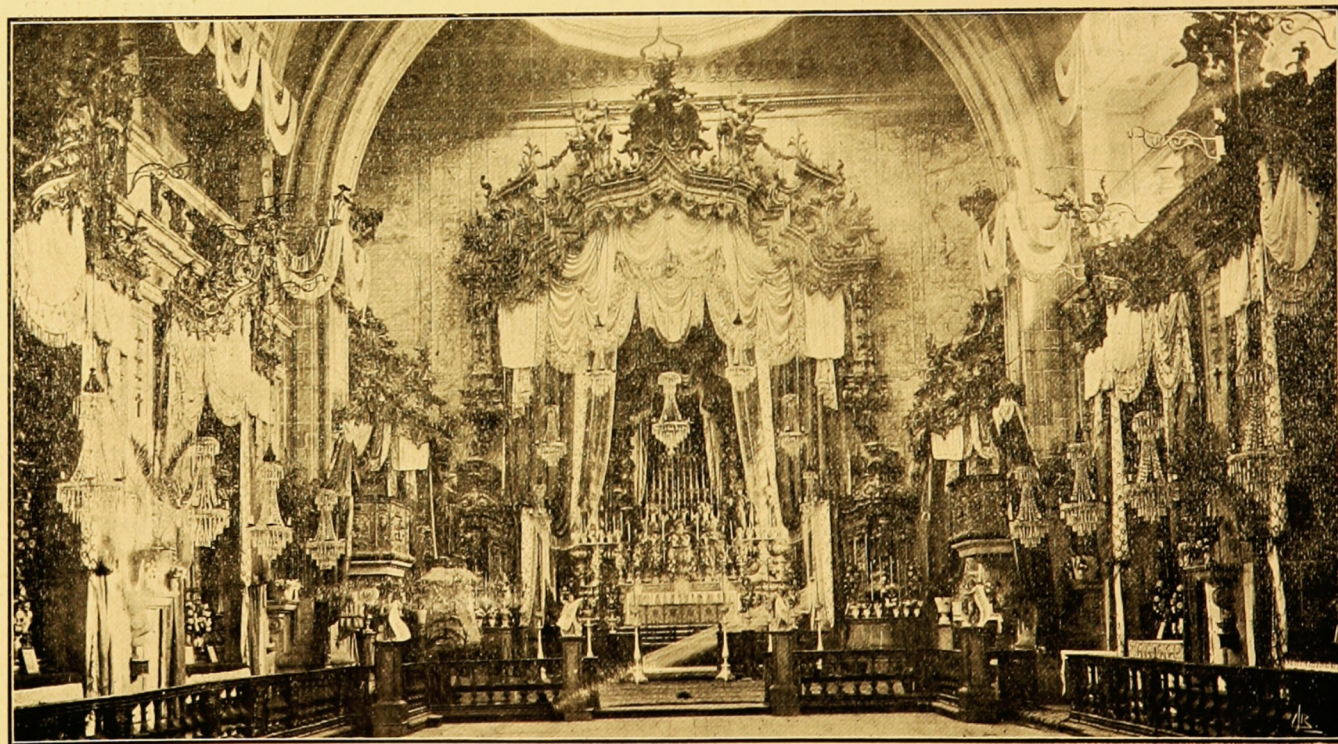
# GUIMARÃES--Festa commemorativa do 1.º centenario do Hospital de S. Francisco



*O edificio do Hospital no dia do centenario*

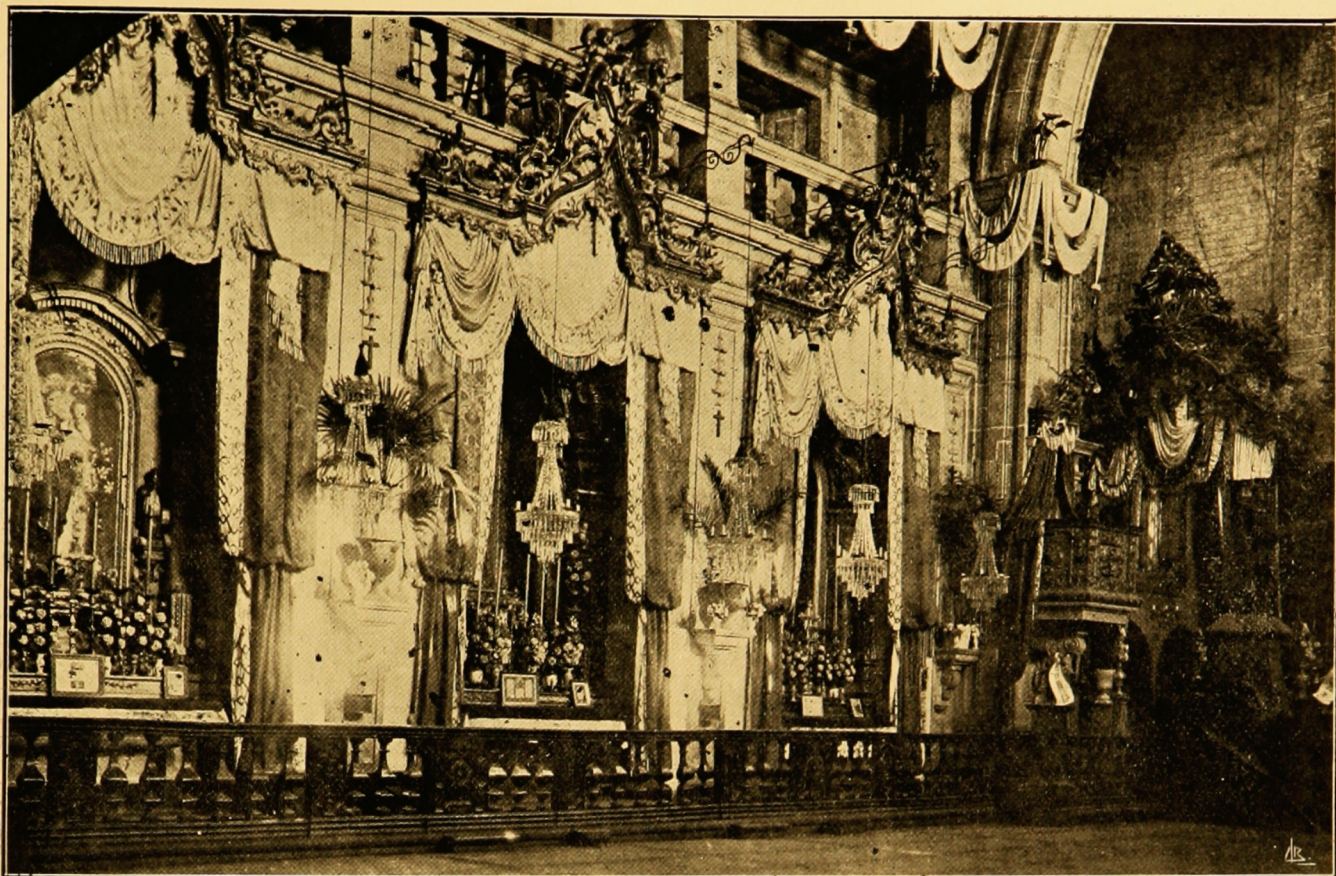


*Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Snr. Arcebispo Primaz sahindo do Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco*

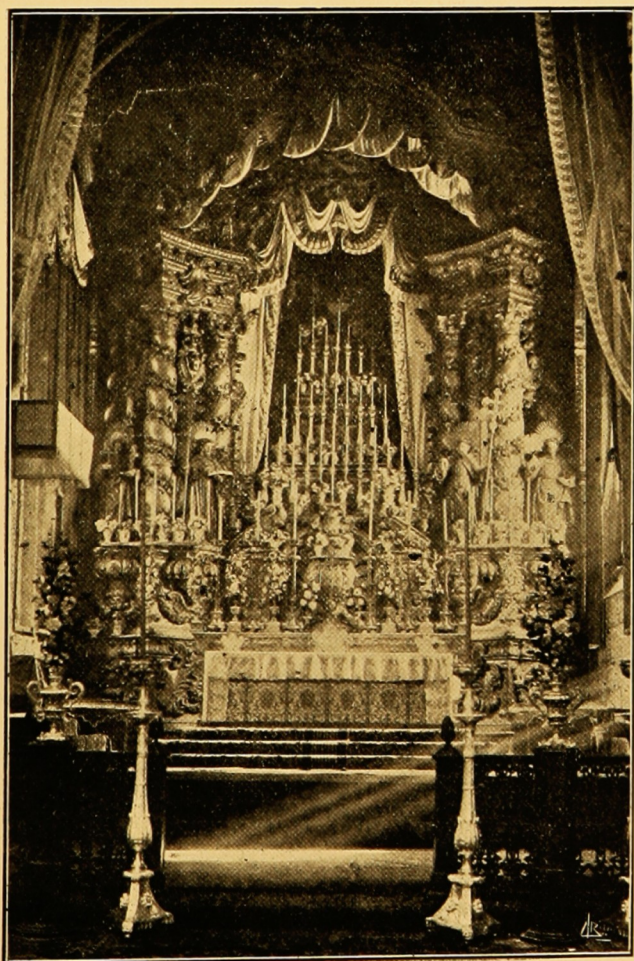


*Interior da igreja de S. Francisco por occasião das festas*





GUIMARÃES—Os altares lateraes, da esquerda da igreja da V. Ordem



Allar-mór da igreja



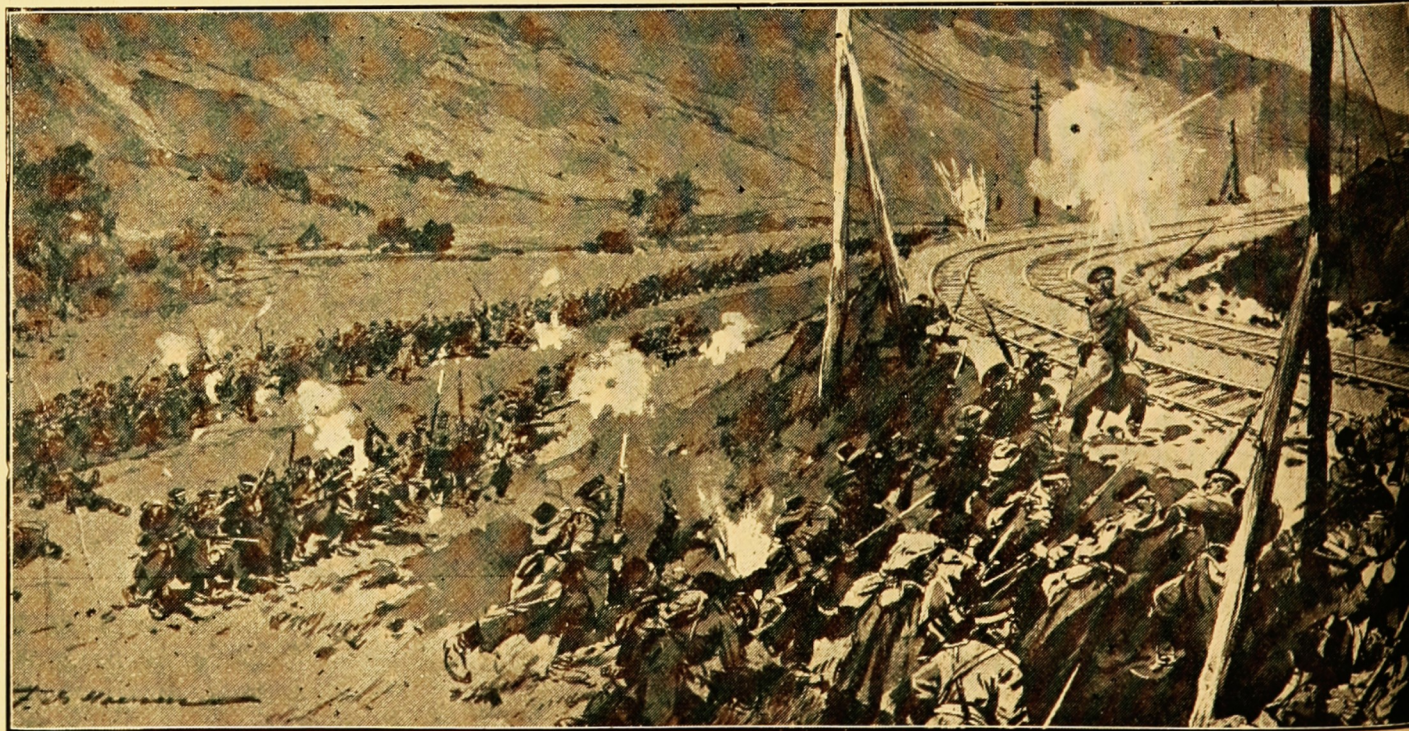
A imagem de S. Francisco d'Assis, sobre o pedestal d'honra

(Phot. Moderna)

# A Guerra Europeia



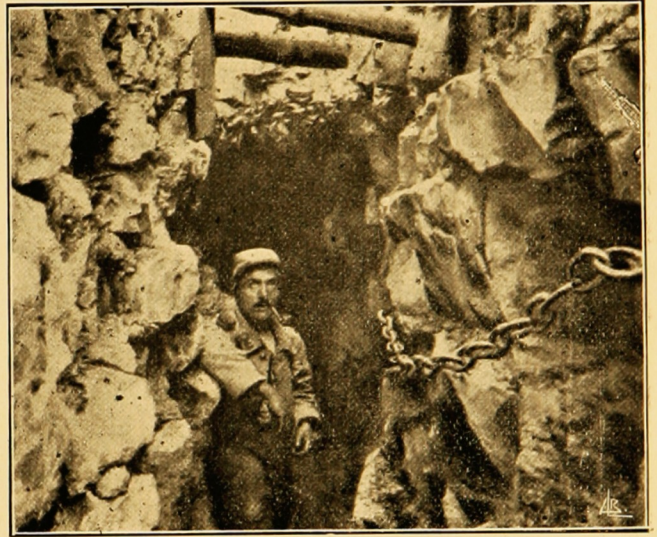
*Ao romper da aurora, dois soldados francezes retomando o seu posto de observação*



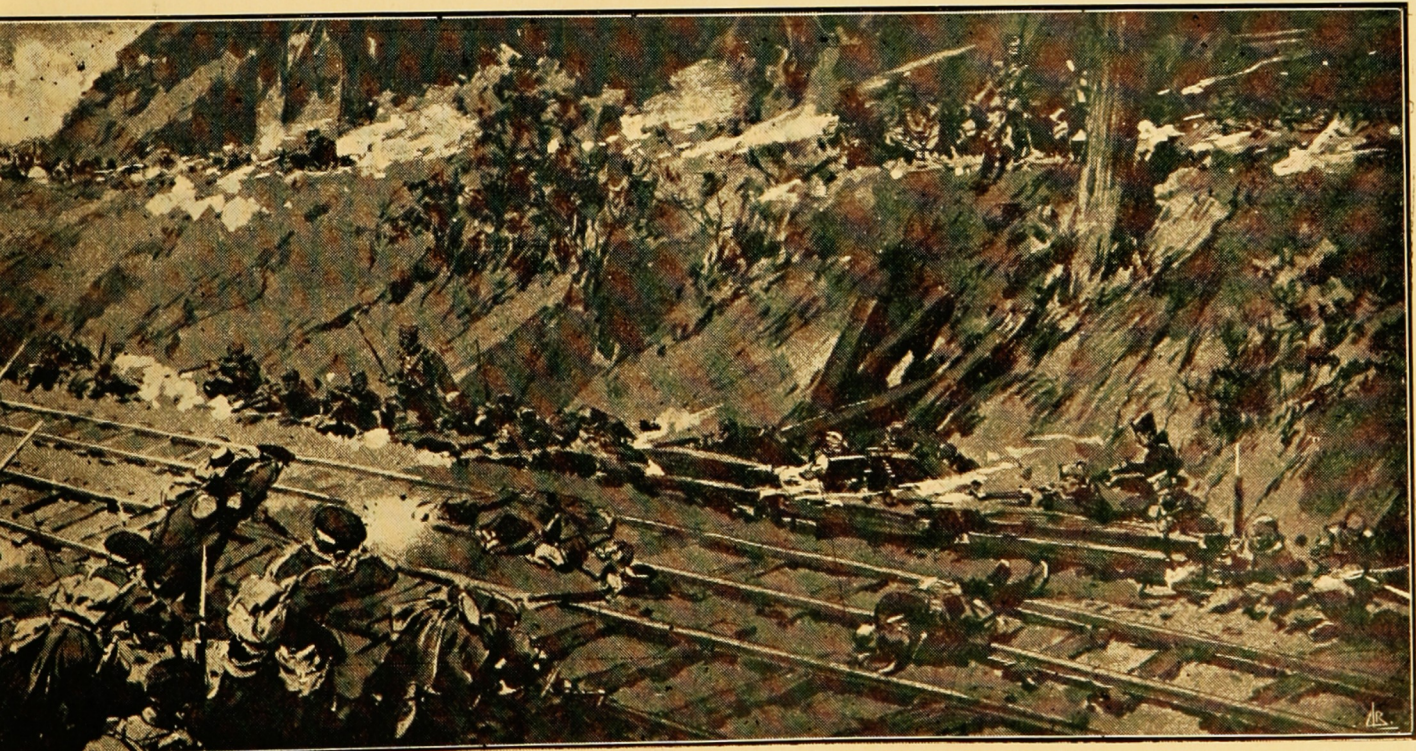
*NA SERVIA—Os bulgaros após um grande e encarniçado combate, tomam aos servios*



*NOS VOSGES—Artilharia de montanha do exercito allemão, dirigindo se para a frente da batalha*



*NA FRANÇA—Dois soldados francezes internados nas trincheiras, examinando a direcção que tomam os projecteis allemães*



*uma linha ferrea, que servirá de passagem a grandes contingentes bulgaro-allemães*





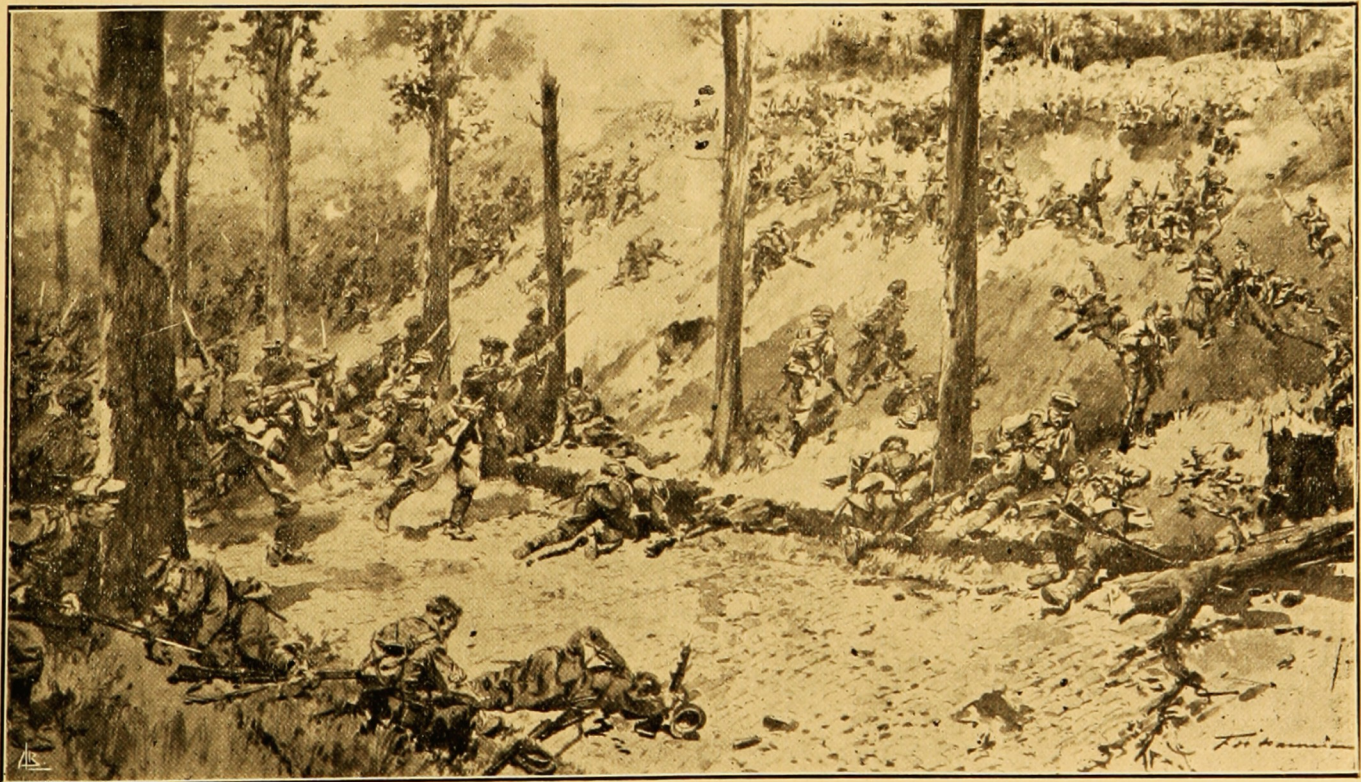
VENEZA—O estado em que ficou o riquíssimo templo de Santa Maria de Scalzi, depois da passagem dos aviões austriacos sobre aquella pittoresca cidade. Este templo era uma das bellas obras da Renascença italiana



M. Poincaré acompanhado dos generacs Joffre e Dubail, visitando um armazem de munições



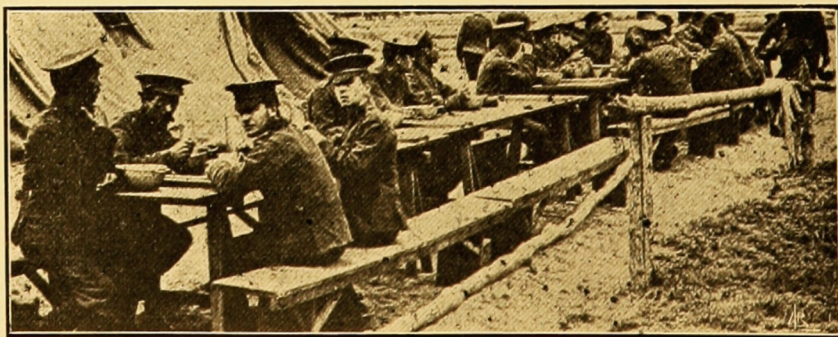
*No trem-hospital para o qual Jorge V foi conduzido depois do accidente na fronteira. Jorge V, tenta collocar a medalha de Victoria no peito do sargento de lanceiros, Oliver Brooks*



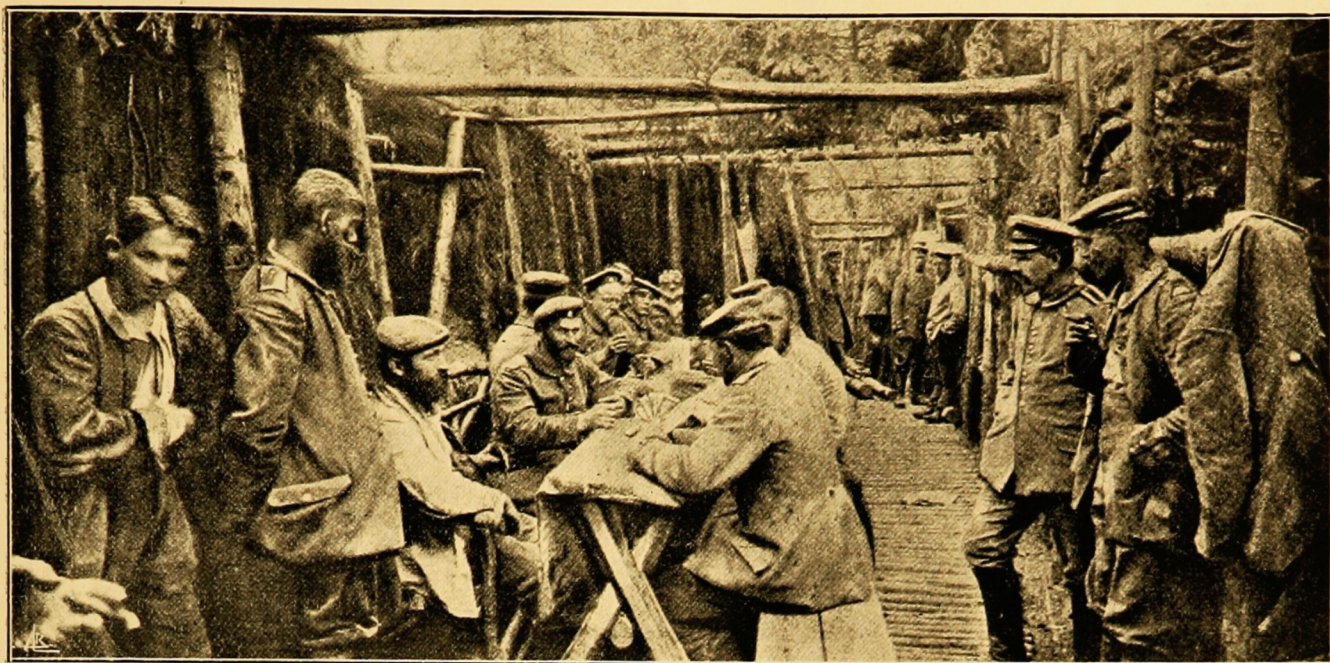
*Soldados britanicos, tomando uma collina na região de Loos*



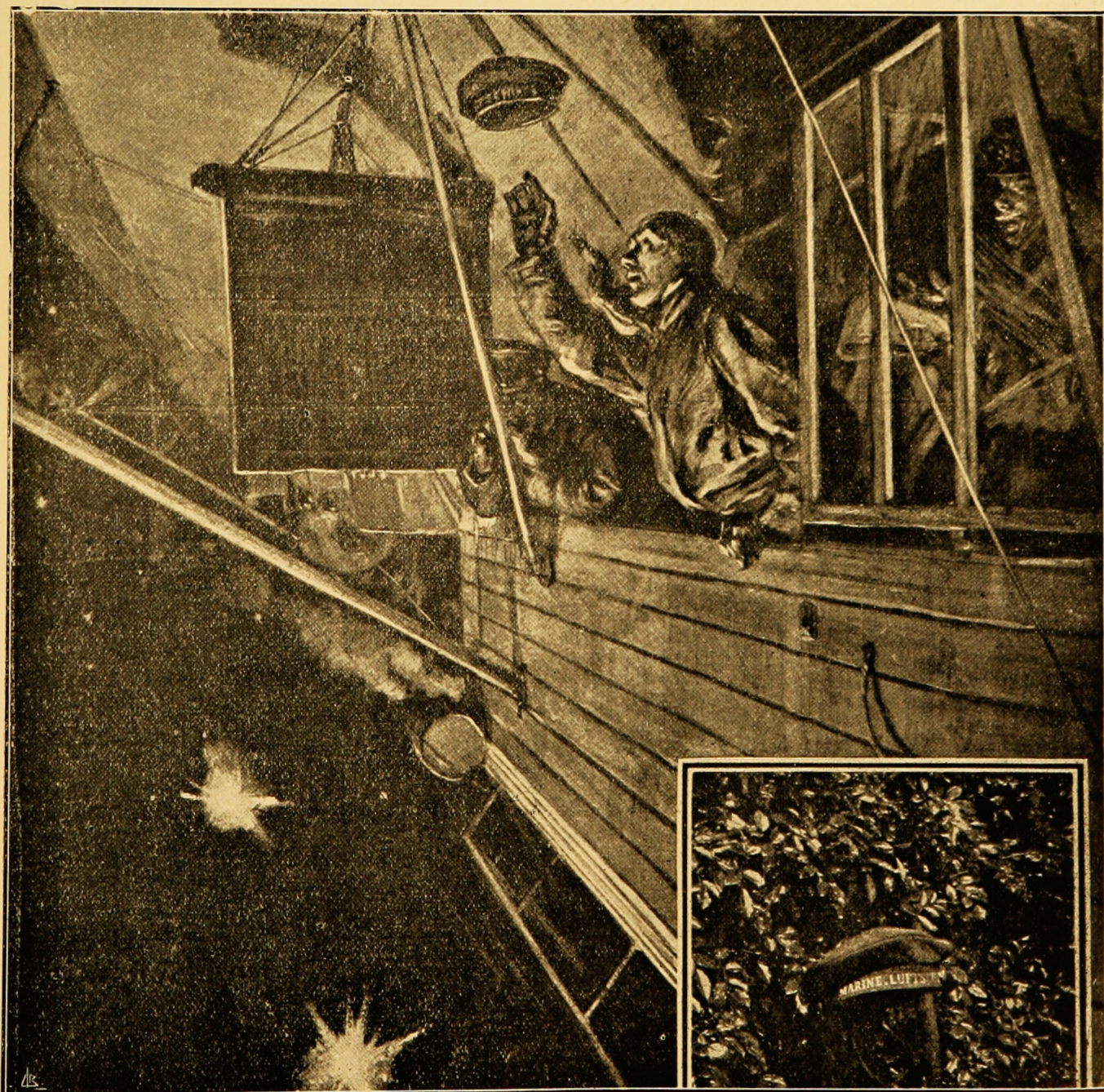
*NAS TRINCHEIRAS—O tenente Forshaw, do exercito inglez, lançando bombas que enflamma com o cigarro que tem na mão esquerda, defendendo assim os poucos homens que tem debaixo do seu commando*



*O EXERCITO BRITANICO — O almoço n'um acampamento*



*Os soldados allemães jogando as cartas durante o intervallo de um combate*



*N'UM DIRIGIVEL—Um tripulante deixa cahir o bonet,  
que vem precipitar-se n'um campo de lavoura*

# Um grande incendio em Villa Nova de Gaya



*Um aspecto do incendio nos armazens de vinhos de Graham & C.<sup>a</sup>*



*O lado norte que foi totalmente destruido*



PEDAÇOS D'ALMA

Escuta ao peito meu brandinhoss ais,  
Tristissimos queixumes de paixão!  
Occultou-t'os 'té aqui: não pôde mais:  
Rebenta, sangra já seu coração...

Ouve-o, senhora linda! ai, ai, amar!  
Doçura... toda fel; dôr... que é do ceu.  
Afangou o peito, doce: e eil-o a anceiar...  
— Ancia que o coração lhe endoideceu!

Humilde, e doido, e chaga toda horror,  
Não leves a mal o ter-te amor:  
— Immenso Amor — em tão fraquinhos braços!

... Sob a mascara fria d'estes versos,  
Vagueiam, a ulular, seus ais dispersos...  
Laivos frescos de sangue... a alma aos pedaços...

OS ESCOLHIDOS

(Para os Pobresinhos lerem)

N'essa Noite divina se escutaram  
Vozes vindas do Azul: — «Gloria a Deus»!  
Clarões, mysticas azas se abaixaram  
A' Terra, enquanto em festa riem os Céos!

Mas só Pastores viram essa Luz  
E ouviram a Harmonia do Infinito!  
Só d'elles o *bercinho* de Jesus...  
— Ser pobre, ser-se humilde — é ser bemdito!...

... De volta para o Céu — o olhar divino  
Dos anjos se quedava no Menino  
E em vós, doces Humildes, que os ouvistes!

— E então, oh quantos d'elles se enganarem  
No seu celeste cantico, e cantaram,  
Em vez de «Gloria a Deus» — «Gloria aos Tristes!»

1915

TEIXEIRA PINTO.

# Anecdotas • historicas

## Ditos • e • pensamentos



### O desprezo da vida

VIAJANDO o philosopho Aristipo para Corintho surpreendeu-o tão alterosa tempestade que correu o navio risco de perder-se, e de susto desmaiaram alguns dos passageiros. Um dos que não sentiram quebrada a coragem e era de vida dissoluta, disse a Aristipo:

— Parece que tambem os philosophos temem a morte, pois não te vi durante a tempestade desprezar a vida! Nós, os que não somos philosophos desprezamos mais os perigos.

O sabio, já repostado do susto, respondeu:

— Não me admiro, porque eu temo perder a vida de Aristipo e tu não temes perder a vida d'um mau homem.

### Maldizentes

Um amigo de Isocrates preveniu-o de que certo homem dissera muito mal d'elle. Isocrates apenas lhe replicou:

— Se tu lhe não desses ouvidos não dizia elle mal de mim.

### Estar calado

Perguntaram a Aristoteles qual era a maior difficuldade da vida?

— Calar o que se não deve dizer.

E a Solon, que estava quasi sempre calado, perguntou Periandro se o fazia por nescio.

— O nescio não pôde estar calado muito tempo.

Respondeu o eminente philosopho.

### Um homem

Perguntaram ao inglez Escalas, que viajara em Portugal no tempo de D. João II, que vira mais digno de admiração?

— O que vi de mais admiração, que nos outros reinos, foi um homem que mandava a a todos e ninguem o mandava a elle.

### E a vaidade?

Estando S. Vicente Ferrer em Valencia, onde foi cortejado de magestosa pompa, perguntou-lhe um fidalgo:

— Como vae a vaidade?

— Vae e vem, mas não se detem.

### Guardar segredo

Indo em marcha forçada um exercito do principe de Orange, um official da sua particular estima perguntou a razão de tão grande pressa. Diz o principe:

E' capaz de guardar segredo?

— Absoluto, nem que me matem...

O principe interrompeu-o:

— Pois se tem o dom de guardar segredo, tambem Deus me fez igual graça.

### Senhor de Villars

Um official gastão do exercito do marechal de Villars confidenciou a outro:

— Vou hoje jantar a casa de Villars.

Ouviu-o o marechal, que estava perto e não fôra visto, acudindo a emendar com um sorriso:

— Em attenção ao posto de general que não pelo meu merecimento, devia dizer *senhor de Villars*.

Ficou surprezo o official mas não desconcertado, pois respondeu rapido:

— Oh meu general, desculpe, mas como não se diz o *senhor Cezar*, julguei que tambem não se devia dizer *senhor de Villars*.

Gostou o marechal da lisonja e levou o official a jantar á sua meza.

### As verdades

Visitando Roma a rainha Christina, o papa mandou-a acompanhar no museu do Vaticano por dois illustres cardeaes. Entre as estatuas havia uma representando a Verdade, e perante essa a rainha se quedou muito tempo contemplativa. Um dos cardeaes, lisongeiro:

— Graças a Deus, senhora que tem V. Magestade amor á verdade, quando os demais principes a não podem soffrer.

— Não duvido, replicou a rainha, porque nem todas as verdades são de marmore.

\* \* \*

O amigo que louvardes em publico, reprehendi em segredo.— *Solon*.

Procurae ter muitos amigos quando estiverdes prosperos, e na adversidade não o proveis a todos.— *Pitaco*.